



Rei Davi tocando lira,
de Antonio Francisco
Lisboa (Aleijadinho),
final do séc. XVIII /
início do séc. XIX,
madeira policromada,
alt. 120 cm.

Poemas

ALBERTO DA COSTA E SILVA

Ode a Marcel Proust

Teus olhos, no retrato,
destilam lágrimas
e abraçam silentes o horizonte.
Tua face, na noite,
é um soluço inútil.

Por entre as moças em flor,
revejo o silêncio das ruelas
dos teus passeios noturnos,
assombrados de insônia,
pelos caminhos insondáveis
do amor e da infância.

Retiras da memória
um mundo ignoto e novo,
e acompanhas, nas tuas vigílias,

Poeta, ensaísta,
diplomata pelo
Instituto Rio Branco,
embaixador do Brasil
em Lagos (Nigéria) e
Cotonu (Rep. do
Benim) e em Lisboa,
Bogotá e Assunção.
É autor de *O parque e
outros poemas*, *O tecelão*,
Livro de linhagem e
outros, que se
encontram em *Poemas
reunidos*, publicados
em 2000, e de livros
de ensaio e história
da África.

os passos dos homens nos tapetes
e as palavras doces que não foram pronunciadas.

A cada instante, um encontro inesperado:
um peixe, uma gravata ou uma flor apenas entreaberta.
Tuas mãos repelem a morte, enluvadas,
e escrevem como se nada mais existira
a não ser a torre da matriz de Combray.

Proust, repercute em mim
toda a tua agonia, companheiro.
Deixa, Marcel, que recolha tua tristeza,
como lágrimas num lenço,
do tumulto das páginas de teus livros,
e
grave na minha boca
o sentido mais oculto de tuas palavras.

Teus olhos, no retrato,
derramam-se na bruma.
E colocas, agora, mansamente,
com requintes de estranha vaidade,
uma flor – talvez orquídea –
na lapela.

Aparição em Fortaleza

Ruas e sombras de Fortaleza, meninas doces,
árvores velhas onde esqueci a infância que foi
tão triste e tão pouca, cidade onde o amor
está tombado a teus pés,

frágil e puro
como uma flor.

Onde caminho cercado pelos meus fantasmas,
entregue aos meninos que são o que fui,
embalado pela pureza de minhas próprias palavras,
cansado, tão cansado, Fortaleza,
quase perdido por vos haver perdido.

Roteiros de bicicletas pela praça do Carmo,
ganhando as distâncias das longas alamedas,
revendo as frágeis moças que passam
na doçura morna das tardes,
recompondo a imagem dos vendeiros encarapitados nos
burricos mansos,
a suavidade dos contornos, a brisa envolvente, os oscilantes jardins,
os longos e inesperados encontros com o desconhecido,
os pressentimentos de inúteis e infindáveis viagens
do menino triste, sentado no muro, a mãozinha no queixo.

Cidade de meu pai enfermo. Minha cidade.
Cidade onde se pode chorar sobre os muros de saudade.
Cidade feita para as lágrimas e para adeuses,
para as súbitas e inexplicáveis alegrias.
Cidade onde o mar quebra
com o impulso de velhos marinheiros náufragos
que subitamente retornassem à pureza das praias.

Soneto

Voltada sobre o pano, a moça borda
a infância e seus jardins, os dias claros,

as despedidas na ponte dos poentes,
a magia da noite, os seus cavalos.

Como evitar a morte, a mão que borda,
ao sereno lençol que, nu, aguarda
a forma de seu sonho, humilde, indaga,
senão amando e se tornando amada?

O fio compõe a lenda, sobre o linho,
do capim trescalante e o rio da tarde
que banhava a colina e os dois amantes.

Mas, por saber no amor eternizado
o que a morte vencer não pode mais,
a mão desfaz os pontos já bordados.

Soneto de Natal

Como esperar que o dia pequenino,
com a mesa, a cama, o copo, as cousas simples,
desate em nossas mãos os lenços cheios
de canções e trigais e ninfas tristes?

Menino já não sou. Como de novo
conversar com os pássaros, os peixes,
invejar o galope dos cavalos
e voltar a sentir os velhos êxtases?

A linguagem dos grãos, do manso pêssego,
a bem-amada ensina e novamente
sinto em mim o odor de esterco e leite

dos currais onde a infância tange as reses,
sorve a manhã e permanece neste
cantor da relva mínima e dos bois.

Diálogo em Sobral

– Como era o odor dos rosmaninhos?

– De alimpo mato, talvez.

– Do lagar e das pipas
de vinho e dos malhais.

– De broa e caldo grosso.

– Das tulhas para o milho.

– Ou do Minho.

– Talvez do aconchego da fuligem,
na casa negra de luz e cerco ardente
do frio, onde esperávamos.

– Talvez
da cama limpa, onde fomos gente.

– Eu cavei e podei, de rosto baixo
como o burro ou o boi, só mais faminto,
cheio de frio chuvoso, a rastros, todo
banhado em terra
e em urina podre.

– O funcho, a mangerona, a erva-doce,
que chamamos de anis, quase os esqueço,
esses nomes e as hastes de onde vinham,
perto da breve janela.

– Ai, não me esquece:
abria o dia com estas mãos que vês
tão marcadas do chão e da madeira

que lascava no eido.

– O boi, então,
só faltava comer na nossa mesa.

– Ao borralho, as castanhas tu assavas...

– O vento, o lume ou um madrugada no ventre
fez-me indagar (a tua mão suspensa
sobre o vaso de água-pé), o riso em mágoa:
“E os miúdos, se vêm?”

– E, assim, largamo-nos
para o Porto, rumo ao mar. Velas, o medo,
o enjôo e o galope vagaroso
de um céu que clareava.

– “Não temas, ó Maria”
(ou por Ana me chamavam?),
disseste, “não te ponhas pequenina”.
– Não te falei na morte. Só pensava
na tigela do caldo, onde boiavam
a couve,
o calor
e a batata.

– Neste país sem orvalho, os nossos pés
rasgamos ainda mais no solo quente.

– Passamos fome.

– Roubamos
gado e terras.

– Crucificamos
escravos,

e por isso nos lembram.

– Vi, uma vez, o talco azulado das garças.
O arco das avoantes. O curimã nadando.

– Tonto de passarinhagem e mormaço, o menino,
enquanto o cego de pedir, a quem guiava, a farinha
comia à sombra, o menino
cheio de aves nos olhos.

“Dou-lhes comida e cavalo, venham comigo!
Venham!”

– E saímos a galope
– como os reis antigos,
a falconear os bezerros e as vacas prenhas,
com poetas e jograis, a rabeca na sela
do cego, e os jagunços de cabelos em cachos.
– Lembro-me bem do menino
que, rapazola, sangraram.

(Haverá talvez um neto, ou um bisneto,
que não pense em mim a fazer rendas,
mas a cavalo, ao peito as cartucheiras
e o rifle na mão, com que atirava
sem apoiá-lo ao ombro e a galope.
Este ver, na herança da lepra,
do rim corrompido e da tísica,
da prisão, da viagem e do querer amoroso,
que, atrás deste rosto corado e sem rugas,
deste olhar azul e destes seios gordos,
sonhei o latifúndio, o espaço, o amplo céu
que vim também fundar no outro lado da terra,
longe do que antes amei,

o melro, a canafistula, a tília, os casalinhos,
o verde gaio, o Ausente.)

Soneto rural

As mãos do pobre e a forma da lagosta
vendo, chorei. Meu corpo, feito adeus,
era só, machucado pé no esterco,
pesava sobre mim toda a beleza.

Havia um cesto e nele alguém botava
as cabeças cortadas dos borregos.
Aprendi a cantar acompanhado
de impaludismo, sede e fezes verdes.

Na madrugada, a fome dos bezerros.
As mãos passava em torno das bicheiras,
quando vi, na celagem das campinas,

erguido em dor, dourado mar barroco,
sol e sombra lavrando um cão sarnoso
e um porco morto com o céu por cima.

As linhas da mão

I

Deste canto de treva, esperas, surdo,
enquanto o céu corrói teu corpo escasso.
E sentes de ti mesmo o ofego gasto
pelo escoar do dia, o jogo amargo
de voltar das manhãs cheio de escuro.

Deste lado solar, desprezas, mudo,
o que sabes virá porque marcado
na morte que vais sendo, o sonho alçado
ao espaço que passa, este amor breve,
pois é feito de tempo e o tempo cede.

Eis tuas mãos. As suas linhas, cego,
o solitário sol, o rio vazio,
o saibro sob os pés, o choro inútil
e tudo o que feriste nos descrevem,
num rogo de beleza, sujo e puro.

Do centro crepuscular, dali tens tudo.

2

Vinha a tristeza.
Como a velha, ao mormaço, lenta, vinha,
a carregar o feixe de gravetos.
Como o velho, o lenço sobre o rosto,
a cobrir o cancro do nariz.
Como usados sapatos. E os cavalos,
na manjedoura, a sacudir as moscas.
Como a passagem da sombra sobre a relva,
o epitáfio do verde. Como o instante
em que a tristeza
vem.

Tua, a espera que flui. Longe de ti,
o céu inseparável da viagem.
E aqui, o estar cortado,

o deixar escorrer do corpo adeuses.

(No menino, ao portão,
as sombras ardem
de sol e enxaqueca.)

As árvores floriam. As avencas
insinuavam a morte.

A tristeza
vinha de ti, da face que, estrangeira,
trazes no rosto, tensa e adulta, alheia
ao que fugia
para trás, para a ausência, para os campos
em que sonhavas o belo acompanhar,
na madrugada, os bois ao bebedouro.

Soubesse ser, assim, a espera
do que podia ser a vida, a trégua
com a impaciência do céu, um lento arrasto
das redes sobre a praia – e não terias
da mesma forma senão os peixes mortos,
o sentimento de estar só nas veias?
Mas, talvez, de súbito, viesse
não a tristeza como a velha, lenta,
a carregar o feixe de gravetos,
mas o acender, na tarde, dos espaços,
como se o mar chegasse em ondas altas
e te banhasse a carne do mais íntimo
do negrume do assombro...

Precisavas de mim,
que te sonhando,
menino pouco, só,

de dor puído,
empurro o tempo
para junto de ti.
Pois necessito
de ti e do teu sono.

O sono limpa.

3

Mas fui feliz.
Puseram a mão nesta mão.
Não me apagaram o choro da orfandade,
mas fui feliz.

Nada pedi
– o som da bica ouço,
o mesmo que irá comigo à morte
e estive sempre no meu dia antigo,
e sabe o que eu queria –
mas fui feliz.

Fui pranto de outros olhos.
Fui feliz.

Senti o afago
entre o peito e a pele da camisa.
Fui feliz.

4

E, no entanto, lá dentro, falam baixo
os dois que me sonharam e me sofreram.
Da humildade do amor pouco tiveram,
o seco pão, os céus contra os seus corpos.

As mãos de minha mãe sobre a tristeza
a se aquecerem sempre. O pai, sozinho.
Sobre nós, a ramagem do degredo.

(Vou à janela, ler este papel
e a luz o toma como sobre a relva
resvala a madrugada.
As sombras de palavras nele postas
correm de mim, sou eu
de volta a casa.
Assim, como se os dias nos marcassem
os disfarces do corpo
com o que em nós não se esgota
na passagem,
a mão parada quase sobre a anca
do burro do aguadeiro,
a mão parada quase sobre o cinza
dos cabelos do velho,
a mão parada quase sobre as frutas
espalhadas na mesa,
assim os tenho,
entre o jardim e o quintal,
rosais e mamoeiros,
os dois tão perto
do adeus e do eterno.)

Ao menino que fui tudo foi pago,
no infinito que nele dissolveram,
mas, sendo a vida avara, de meus deuses
a roupagem despiram, que me deram.

O círculo do mundo passa em mim,
mas o centro de dor e treva é deles.

Nos confins do escuro, sou os dois.

Fragmento de Heráclito

Todos os dias são iguais — o grego
e o menino que fui
sempre o souberam.

Ele o pensava; eu o vivia,
amargo.

O sol
cegava, nos telhados.
Mas o menino de ontem, hoje,
cantava.

Sobre meu túmulo

Aqui estou enterrado. Jamais quis
morrer longe de casa. Mas sofri
muitos anos exílios simultâneos.
Gastei-me em outras terras. Fui de mim
uma sombra emigrada. Rogo um sonho.

Soneto a Vera

Estavas sempre aqui, nesta paisagem.
E nela permaneces, neste assombro
do tempo que só é o que já fomos,
um céu parado sobre o mar do instante.

Vives subitamente em despedida,
calma de sonhos, simples visitante
daquilo que te cerca e do que fica
imóvel no que é breve, pouco e humano.

As regatas ao sol vêm da penumbra
onde abria as janelas. E de então,
vou ao campo de trevo, à tua espera.

O que passa persiste no que tenho:
a roupa no estendal, o muro, os pombos,
tudo é eterno quando nós o vemos.

A um filho que fez dezoito anos

Antônio,
os deuses pintam borboletas,
mas nós sabemos como
nos homens sonham
e sangram.

Existe o rio.
Existe o campo. Existem
papoulas e um céu que era cedo.

Existem o não, e a páscoa, e a noite obesa,
e o ócio furioso. O iluminado
gosto de febre e de ferida existe.
Existem o eterno e a sombra
de um céu fosco e deserto
sobre o quando o esquecemos.

Existem
veleiros e sonâmbulos, o dia,
as escamas do peixe, a alegria.
Existem a solidão – mergulho e assombro –
e o sonhos contigo.
A dor existe.

...

Antônio,
ensina-me a não ter medo
de caminhar acordado,
e a receber o açoite do êxtase.

Devolve-me o espanto
diante da iniquidade
e do rugir da fera.

Repõe em mim a força
de resistir à fadiga
de tanto céu e abismo.

Perdoa-me a tristeza,
como se fosses meu pai,

e não meu filho.

Usciamo

a riveder le stelle.

...

Como um parceiro, Antônio, num segredo,
assim o corpo se vai vestindo de amor.
Assim o corpo se deita na tristeza.
Assim o tempo recolhe as flores, às braçadas.

Tudo é silêncio, pelo avesso. A vida
é uma velha cansada. A vida encobre
o sol.

Sempre foi pobre
a mão que traça este risco no dia,
este risco no escuro,
incompreensível e inútil
como levar um boi para pastar na praia.

(Mas os dedos da velha movem os bilros,
e a luz voa.)

Soneto a Vermeer

De luto, a minha avó costura à máquina,
e gira um cata-vento em plena sala.
Vejo seu rosto, sombra que a janela
corrompe contra um pátio amarelado

de sol e de mosaicos. Sobre a mesa,
a tesoura, um esquadro, alguns retalhos
e a imóvel solidão. A minha avó,
com seus olhos azuis, o tempo acalma.

A minha avó é jovem, mansa e apenas
a limpidez de tudo. Sonho vê-la
no seu vestido negro, a gola branca,
contra o corpo de cão, negro, da máquina:

a roda, de perfil, parece imóvel
e a vida não se exila na beleza.

Elegia de Lagos

Aqui
os velhos navios
vinham limpar os cascos,
não das ondas, nem dos ventos, nem do que sonha a distância,
mas do que tende à terra e à pedra, ao caramujo, ao sapo e ao lagarto,
ao que é feio e se aferra
à superfície do mundo
e é inércia e espera.

Desço
a rua de minha infância, na direção da praia,
e venho dar neste porto de escravos.
Aqui,
nos alagados,
os meninos
vendem mangas e galinhas,

galinhas amarradas juntas pelas pernas,
como um ramo de flores, as cabeças aflitas
a fugir do mergulho,
os pescoços em u,
as línguas pontiagudas
a surgirem, pistilos, dos bicos semi-abertos.

Passa um rapaz
a equilibrar
um cacho de bananas à cabeça,
com a mesma displicência com que Deus
traça em si próprio a curva do universo.
E um outro
canta,
e tamborila,
na tábua apodrecida
pela chuva, esta tristeza
das pirogas de pesca com as redes lançadas
sobre as águas do canal e todas as ausências.

Há muito tempo atrás, meu corpo sobre a praia
podia ser um barco a enxugar-se.
Ainda havia
o convite salino do futuro. A vida
não nos negara às marés, aos tufões e às febres,
ao abismo e às pragas.
A vida não deitara
o menino,
com o livro iluminado,
na cadeira de lona, a repousar de haver sido
um sonho e alguns versos

em que o amor está em todas as vogais, envelhecido
de jardim e de sol.

Cresce o mamoeiro no quintal de minha casa.
Mas não sei mais tirar do seu talo a simples flauta
e o débil assobio.
Desaprendi
a lançar o pão
e a correr sobre os muros,
embora viva
na abundância das flores amarelas,
do calor e das garças.

Este jumento manso,
perseguido pelas moscas,
é certa manhã, depois da chuva, entre os grajaus
de pombos.
Caminha lento,
tal a luz úmida,
por um quintal já findo.
Ali,
senti que a morte de alguém a mim passava,
quando o cesteiro, com o cabo
da faca comprimido contra o ventre,
ia entrançando o vime, e a faca
abria apenas o espaço para o enlace
das hastes; não feria, só cortava
o remate das varas — como a noite
só fecha os olhos
do exato fim
da tarde.

Chega o burrico junto ao muro em que me sento,
a despir-me da vida.

A morte
debulha-se
como uma fava: caem
de dentro dela os dias,
até o mais antigo,
em que ouvimos o seu nome pela vez primeira.
Ela nos põe o focinho, sendo um cão, nos joelhos
e está cheia de sarna, de infância e de medo.

Abandona-me o que vejo
e fica em mim represo.
Fui
o que não pensei ter sido. Sei que os dias
se abraçam comigo.
Por isso,
agora,
passo a mão humildemente sobre o pêlo do cachorro,
quase a pedir
ao escorraçado,
ao esquecido,
que se aconchegue aos meus pés
e aqui
fique.

Escrito a lápis, sob um epitáfio romano

Q ARTVLVS
ANORUM IIII SI

(Quintus Artulus.
Tinha quatro anos de idade,
e puseram sobre ele
esta pedra.)

Natal

Bruno,
agora que vieste, é bom que saibas:
a vida canta baixinho
e, quando grita,
desatam-se de nós o sonho e o êxtase.

As braçadas de rosas que as meninas
repõem no roseiral
invertem o rio,
fazem de mim a tua sombra antiga.

Procura o branco.
Ainda que o suje o ouro, é branco. Branco
o lençol, a roupa junto ao corpo,
o céu ceifado de nuvens, se amanhece,
e igual, colhido o feno ao sol,
se entardece.

O verde é alegre,
mesmo se a lagarta
recorta o galho e a folha de ferrugem,
se sobre a grama há papéis e latas,
pois vivemos no azul, que se respira
e que se vê
nos olhos de quem nasce.

O fruto cai, amarelo.
Calma. Espera.
É lento este jardim. Lentos, os peixes
com as flores que há no cinza. O cinza é belo.
Como é belo o vermelho. Vê, não correm
no deserto da tarde a cabra e o asno
e sopram sobre a areia com seus cascos
na relva ressequida? Vem do barro
a água da moringa.

A beleza caminha à tua frente.
Despreza o tigre que há nela, mas
não afasta o afago da urtiga.
O que parece vão e sem mistério,
como as rosas nos braços das meninas,
não pára de nascer
e faz-se eterno.

Murmúrio

Meu pai,
a tua essência
superou
o tempo
e a sorte:

deixaste
atrás de ti
alguém
que ficou
a morrer.

5 de setembro

Quando nos criaram,
as mãos do deus já estavam
cansadas.

Por isso,
somos frágeis e mortais. E amamos,
para resgatar o que no deus
foi sonho.

De manhãzinha, para Miguel

Repara, Miguilim, nos passarinhos,
que são de um céu contrário ao das estrelas,
a jogar o pião, a pular cercas,
a correr com o arco e, sem certezas,

a ir de chão em chão, enquanto elas
não abrem em rosa os seus botões e, presas
nas gaiolas do sempre, rodam eternas.

Repara, Miguilim, nos pequeninos
grãos na ponta da grama, vê os grilos
como pandorgas contra as brisas verdes,
o ouro velho no ventre das abelhas,
e ouve o que te digo: o que é menino
não chega a velho jamais, não adoece
de seriedade, não se pui, não passa,
não usa paletó, nem põe gravata.

Repara, Miguilim, que não se aparta
da viagem o barco que na praia
se limpa dos mariscos, que traz d'água
aquele instante em que o sono acaba
e nos devolve a casa e o que é concreto
num ramalhete de mistura ao sonho.
Por isso te direi: repara, o incerto
vôo do inseto, sendo breve, o longo
lançar de ponte sobre o vão do eterno
imita, Miguilim, e o feio é belo.

amor aos sessenta

Isto que é o amor (como se o amor não fosse
esperar o relâmpago clarear o degredo):
ir-se por tempo abaixo como grama em colina,
preso a cada torrão de minuto e desejo.

Ser contigo, não sendo como as fases da lua,
como os ciclos de chuva ou a alternância dos ventos,
mas como numa rosa as pétalas fechadas,
como os olhos e as pálpebras ou a sombra dos remos
contra o casco do barco que se vai, sem avanço
e sem pressa de ausência, entre o mito e o beijo.
Ser assim quase eterno como o sonho e a roda
que se fecha no espaço deste sol às estrelas

e amar-te, sabendo que a velhice descobre
a mais bela beleza no teu rosto de jovem.

Aviso, em voz baixa

Cuidado! Não é tua
esta morte.
Cuidado! Ela vem disfarçada
de irmã e reparte
moscas e formigas
como se fossem frutas
maduras e espigas.
Cuidado! que vem vestida
de infância
e de vida.

*Teatro de Epidauro, cidade da Argólida,
banhada pelo mar Egeu.*

Seu templo dedicado a Asclépio, deus da medicina,
era visitado pelos enfermos de toda a Grécia,
que ali iam consultar o oráculo.



Epidauro

DORA FERREIRA DA SILVA

O ensinamento básico de Thoreau
era o de carregar nada ou pouca coisa
ao abandonar a própria casa em chamas.
És um americano pobre, Henry Miller,
não estranharás minhas sapatilhas
meu cabelo preso e o rosto limpo.
Serei a solidão a teu lado.
Katsímbalis mal notará uma mulher
a caminho de Epidauro. Sabes, és o único
hóspede de sua pátria e coração.
Grega nas mais antigas ramagens do sangue,
acaso depare comigo, pensará que sou
uma pequena coluna, ou um perfil apagado de hídria
e não me dará atenção.
Teu gosto de ser só, Miller, não o perturbarei,
também o conhecimento e a paisagem conspira:
poucos arbustos, pedras e o pó.
O carro alugado avança com as hesitações

Poema inspirado
no livro de Henry
Miller (*O Colosso
de Mariússia*).
Refizemos juntos a
viagem a Epidauro,
Henry Miller e eu,
com o poeta grego
Katsímbalis, que se
manteve silencioso,
mas não
descontente.

Dora Ferreira da
Silva, poeta,
ensaísta, publicou
Andanças (1970),
*Uma via de ver as
coisas* (1973),
Jardins/esconderijos
(1979) *Menina sem
mundo* e traduções.
Sua obra está em
Poesia reunida
(Topbooks, 1999).

de um inseto. O tempo voa no espaço.
Dessa máquina sacolejante encaramos
a mesma paz de um mundo quieto e parado.
Que luz etérea! Epidauro anuncia o céu?
Há mais Mozart aqui do que em qualquer outro lugar.
Estamos a caminho da Criação, basta ouvir
o sussurro de princípios misteriosos,
se falarmos seremos melodiosos:
nada a esconder, capturar ou preservar,
ruíram muros que aprisionavam o espírito,
instalou-se a paisagem nos campos
do coração. Não passamos pela natureza – digamos –
somos a debandada das forças da ambição, maledicência,
inveja, egoísmo, despeito, intolerância, orgulho, arrogância,
mesquinha, duplicidade *and so on*.

É a manhã do primeiro dia da grande paz,
a paz do coração, porque nos rendemos.
Isto não é o oposto da guerra,
porque a morte também não é o oposto da vida.
A linguagem, que pobreza! Pobreza da imaginação
do homem, de sua vida interior com seus trastes inúteis.
A paz que encontramos em Epidauro
ultrapassa a compreensão da maioria: um cessar
de hostilidades, uma pausa negativa.
A paz do coração que encontramos – Miller e eu –
(Katsímbalis a possuía) é positiva, invencível,
nada requer, nem pede proteção. *É. Só.*
Vitória? Se o for, muito especial, baseada numa rendição
especificamente voluntária. Ah, grande centro terapêutico
do mundo antigo – EPIDAURO! –

Aqui, o próprio curandeiro se curava –
início de uma arte, não médica, mas religiosa.
A Natureza – ensinam os grandes curandeiros –
é a maior das curandeiras. Mas é preciso, Dora (diz Miller)
que o homem reconheça seu lugar no mundo e este
não é a Natureza (domínio do animal)
mas o reino humano, ligação entre o animal e o divino.

Epidauro? Pura charlatanice, dizem os cientistas.
Progredimos assustadoramente. Nossos progressos
conduzem à mesa de operação, aos manicômios, às trincheiras.
O culto médico funciona mais ou menos como o Ministério
da Guerra – os triunfos escondem morte e desastre.
A alegria de viver vêm através da paz, que não é estática,
mas dinâmica. Não há alegria sem paz e sem alegria
não há vida, mesmo que você tenha uma dúzia de carros,
seis mordomos, um castelo, uma capela particular
e um abrigo anti-aéreo. Ao que quer que nos apeguemos
– seja esperança ou fé – eis a doença à espreita!
Rendição absoluta, é isso. Quem agarrar-se à mínima migalha
estará nutrindo o germe prestes a devorá-lo.
Quanto a agarrar-se a Deus, Ele nos abandonou há tempos
para descobrirmos a alegria de alcançar o Bem.
Todo esse barulho, toda essa súplica pela paz
crescerá à medida em que dor e miséria crescerem
e a nada levará. Onde encontrar a paz? Imaginas
que ela é algo a ser estocado como trigo ou milho?
Algo para ser preso e devorado, carcaça entre lobos famintos?
Os que falam de paz têm semblantes carregados de raiva,
ódio, desprezo, orgulho, arrogância. Enquanto o assassinato
não for arrancado da mente e do coração não haverá paz.

O assassinato é o cume da pirâmide, cuja base mais larga
é o Ser. O que está de pé ruirá. Tudo aquilo pelo que o homem
lutou, deve ser posto de lado, se quiser viver humanamente.
Até agora não passou de uma besta sanguinária
e mesmo suas divindades não prestam. Mestre de muitos mundos
é um escravo no seu mundo. O que comanda o universo
não é a mente, é o coração.
Em Epidauro, na quietude que sobre nós três baixou
ouvimos bater o coração do mundo.
Então sabemos qual é a cura: *desistir, renunciar,*
render-se para que nossos pequenos corações batam em uníssono
com o grande coração do mundo.

Poemas

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA

Estiletos

a nitidez cortante das pupilas
 fincadas
 no sangue:
não no veemente
 carregado
 de coices

cão ali no escuro a vigiar
bebendo o físico quando se decompõe
enfiando lentes
estiletos nos poros

o dente que bate foices sempre
 menos

o esfacelamento do pudor

Nasceu em
Cândido Mota
(SP). Formada em
Letras pela
Universidade
Estadual Paulista.
Desde 1991 mora
na Itália. Estudou
Língua e Literatura
Estrangeira
Moderna na
Universidade de
Perúgia. Doutora
em Língua e
Literatura Ibérica e
Iberoamericana.
Publicou os livros
de poesia *A porta
range no fim do
corredor*, *Geografia da
sombra*, *Pedaços e
Tempo de doer*, e
poemas em várias
antologias.

com que regamos
de movimentos
os dedos
as mãos

essa vontade de olhar dentro da morte
essa ânsia que não chega não chega
não chega
a tocar nem mesmo as coisas que se
fragmentam

A outra

espremer
espetar a tarde
plantar poros veias
onde o sangue vai e vem
plantar nas palavras da tarde a única
a inominada
a que inventa a morte por não se conceber

espremer o furo
a seiva
há de inundar a vida
há de inundar as horas
e as sílabas
que nos cortam
modelam
cerceiam

mas a seiva

há de inventar-nos?
há de inventar a tarde
em que a luz pungente
urge?
há de inventar o furo que fazemos
na palavra vida
querendo a outra
sem começo nem fim?

Paredes

almofadas torturam cadeiras
partem paredes
vidros quebram som de passos
tesouras engessadas
engendram tapetes
partidas de carne em vãos do
tijolo

Vasos dentro de casa

o outono corta folhas d'alma
a casa sabe o que perder
suas folhas de flor íntima
flor de cama
flor de alma recolhida
para adormecer

os vasos dentro
quadruplicam talhos em derivações
de sono

o tempo é pisado por outras sementes
(não cronológicas)

Luz do quarto

a luz do quarto se esquarteja
em sombras
seu fio se reproduz
na penumbra

a luz no teto tem uma fragilidade de
flor contínua
flor que de tão constante
esgarça espantos
desgasta estudos

na noite a luz minguada extirpa
mutilações diurnas
de leve aguça o sono
de manca se dispersa na ferrugem
da insônia
(enquanto funciona como olho adulterado)

O olho

quem está oculto
para o olho?
o que mais caminha
fustiga
o que mais espera
e urde

emboscada
é o olho
corda da nossa alma
prego da nossa porta

tudo já entra
rasgado

o olho cobiça fendas
sabe o barulhinho
que faz a luz quando
derrete a pupila

O inquilino novo

o inquilino novo do apartamento ao lado
martela o rosto do inquilino
velho

paredes deslocadas pregos
em resto de ser
em sombras de outro pesar de ser
vaivém de passos
no trincado do espaço
perna fatigada carregando imagem morta

as salas se despovoam
prontas para outra essência

o inquilino novo tece sua casca

Viro tarde

viro tarde na tarde parca
sol desalheando vigores
panela no fogo
cozinhando alma de
galinhazinha picada

brisa estrepitando secura
estiola gritos de meninos
que brincam de furtar à bala
corpo e alma
do mundo

Criaturas de sombra

olho você
seu peso
nesta noite estou e a sombra da minha mão
forma na luz
objetos cavalos

seu olho
não existe

levanto-me áspera
derramo cavalos xícaras
espalho no quintal minhas criaturas que somem
na escuridão
abrupta do ser

fecho a porta
tapo janelas fissuras nas portas
espigas intrujadas proliferam
fragmentos explodem de martelos serras
britadeiras que esqueceram de desativar
lá fora
 compulsórias
 roendo
o farfalhar esquivo do seu olho na noite
enquanto no quarto as criaturas no escuro
são geradas mortas

Como um guincho

frio intenso
caminho rígida
opressa pelas coisas que carrego

o escuro chegou cedo
derramou-se na casa
o escuro chegou antes do carteiro

minha mãe escancarou as portas
tem medo de sufocar
de não ver a palavra do sol
ao tempo ofego

o dia duro depreda minhas asas
a ausência de alicerces
é fragilidade
atávica

como um guincho pelas ruas
caminho
arrasto coisas pessoas
toco tudo o que adormece morre
manuseio espaços que me fazem pesar toneladas

O indizível

dentro de mim
o oculto
amor

não te dou senão
o que vou tecendo
de perda em perda

o que dou já se destrói
o que dou perverte
o que dou

Os arabescos

as formigas zelosas vão roendo
as metamorfoses
do outono

quase não se notarão na manhã
entre a profusão
de folhas
os arabescos que as tesouras
vivas
fabricaram
no escuro

Crônica milanese

na catedral de Milão
às três da tarde sexta-feira santa
um Cristo estendido expira (de novo)
enquanto uma turista austríaca explica as técnicas da edificação
[gótica das catedrais da idade média
a um bando sonolento de turistas
um pombo passeia pela nave e pousa no vitral incendiado pela luz
[horizontal da tarde
e o padre se exalta e amaldiçoa (de novo)
Júlio César Pôncio Pilatos Herodes e todos os soldados (romanos
[e austríacos)
amém.

O ateliê

para Vermeer
a vida está no interior do ovo
de uma casa
um quarto de ovo
ou menos

no mesmo
sempre outro
rosto
igual
de menina com turbante
de mulher na sua faina
íntima
de costurar

rendas e
 corpos
e o menino fixo
no infinito
instante
de um risco

Árvores

copas verdes
se movem
 sob o céu virado
 à chuva
brincam
que são elas que pintam
os relâmpagos e seus rancos

Poemas

JOÃO GUILHERME RIPPER

Ícaros

Porque somos ávidos
fizemo-nos aves
fomos bem rápidos
em usar as chaves
para arrancar as pétalas
abrir as naves
esperando lúgubres
a última onda entrar

Pois assim somos: líricos
vítimas das próprias asas
tribos de novos ícaros
cadentes sobre as partes rasas
que divisamos pálidos
nas pias de nossas casas

João Guilherme Ripper, compositor, regente e poeta, Diretor da Escola de Música da UFRJ, onde também ensina Composição, Harmonia e Análise Musical. Autor de obras musicais em diversos gêneros apresentadas nas principais salas de concerto do Brasil e exterior. A maior parte de suas composições para voz têm textos de sua autoria, como a ópera *Domitila, a Marquesa de Santos*, recentemente estreada.

espelho onde, inválidos,
insistimos em nos desenhar

Então, tornaremos-nos oníricos
pousados em nossas casas
imaginando álibis
dissimulando dramas
para permanecermos lógicos
até o tempo acender as chamas
e consumir-nos estáticos

Porque não aprendemos a voar

Inez

Inez tinha uma tarefa abstrata
recolhia conversas e rezas
atrás do sofá
manhãs esquecidas sobre os móveis

Levava para o quarto aos pedaços
esses escombros de poesia
acumulava depois
para remontar com seus pincéis

Um dia foi para o Rio de Janeiro
estudar com Cândido Portinari

Desconstruiu figuras atônitas
de rostos vazios e mãos inadequadas

O quarto prenhou de brasilidade
os seres nítidos e suados

Arrastou sua arte na terra
lavou-a na beira do rio

Estendeu um meio-dia
nos varais das casas brancas
(Nossos olhos festejados de sol)

Onde morou Jesus Cristo
descansando da cruz



Uma tarde a bailarina
que dançava em seus lápis
sentou
distraindo a eternidade

Deu o mundo por santificado
e foi embora

Ficou no quarto vazio
o cheiro de sua paz

Inverno

com o poema em pedaços
quantifico a solidão das árvores

o homem que passa
tem o olhar trágico sobre a noite
borrada de branco

dois acordes
soam mais perto da verdade
ruído algum
neve escorrendo em mim
para além da rua
uma estrela desfalece
em meu livro uma suspeita
“é necessário que alguém reescreva o amor”

a tua ausência

Casa transfigurada

Depois de morto
e liberto de toda a sintaxe
foi sentar-se no banco
que ficava ao fundo do jardim

Mil anos de espera
pela cambalhota dos anjos
voltou um rosto súbito
à casa transfigurada

Noites costuradas nas janelas
(ou seriam seus olhos?)
a porta aberta a ventos
deixava entrever

madrugadas esquecidas
pela distração dos galos

Café fervendo no bule
cotidiano de ontem
enfumaçava a sala coberta
odor ancestral
guardado na cristaleira
em meio a conversas e sudores
de tardes quentes

Manhãs-crianças
crescendo em cortinas brancas
consoantes com o vento
soavam como antes
como a vida ida
desse lugar

Só não restara
(e nunca houvera)
poesia alguma
no relógio inerte
pendurado sobre a mesa

Quanto ao amor
e o destino de cada lágrima
carecia de qualquer
evidência fluida
com exceção da cama ainda desfeita
e a frase PARA SEMPRE TE AMEI
engastada a unha

num canto esquecido da parede
Enternecido
ele voltou para o banco
e ali deixou-se
mudo e metafísico
por mais uma eternidade

Dez. /1995.

Poemas

GEORGE TAVARES

O adeus do homem ao poeta morto

(Ao tomar conhecimento da morte de Pablo Neruda)

Teus olhos varreram o cume das Cordilheiras
onde o vento se aninha para a eternidade.
Teu rastro colorido pousa sobre os canteiros
em que o crepúsculo incendeia e o amanhecer doura.

Tuas mãos teceram as roupagens dos céus
na esperança de um dia agasalhar todos os homens.
Os braços erguidos do velho e da criança
com o calor de teu brado vão chegar à terra cansada
enterrecendo contigo as paixões do mundo.

No desgaste sombrio do vento polar
pairou o tempo e a antevisão sulina:
em teu corpo para sempre se conservará

George Tavares
é advogado,
professor de
Direito Penal da
UERJ, Natural
do Rio de
Janeiro, poeta
bissexto, é autor
de *Telhado de zinco*
(1956),
prefaciado por
Álvaro Moreyra.

o grito angustiado de paz e amor
e de quando em quando te diluirás na corrente alegre
que vai para o oceano
ou em cada ramalhete nas mãos de uma mulher...

Na epopéia de teu canto soubeste mostrar
a fumaça das fábricas a movimentar a História
a conquista do homem a transformar a natureza.
Pássaro de asa partida em meio a borrasca
estarás presente na dor e no luto de teu povo.

Onde houver um sorriso a embalar o amor
ou uma festa suave enfeitada de ternura
ou uma vontade ferrenha de construir o novo
encontraremos sempre espalhados
um pouco de tuas lágrimas de poeta
um bocado de teu sonho de poeta
um pedaço de tua paixão de poeta.

Em tudo transmudaste a tua qualidade de ser e de sentir
na quantidade de resistência da própria Humanidade.

1973.

A um idealista assassinado

(Ao ler a notícia da morte de Carlos Marighela)

A porta da igreja era pesada.
A porta da igreja era fechada
aos nossos soluços e aos nossos ais.
A porta da igreja era sombria.
A porta da igreja só encobria
a santidade em imagens caricaturais.

Ele surgiu numa avalanche
de conceitos
e preconceitos
e vulnerou o carvalho da porta da igreja.

Foi um raio do céu.
Foi a queda de uma estrela.
Foi a labareda incandescente
saída inclemente
das profundezas.

A rua sossegada convidava ao amor
e os seus olhos raivosos encantavam-se com os casais
vendo em cada canteiro uma perdida flor.
A porta de um converto escancarou-se para a dor
e ele caiu morto para viver muito mais.

Rio, 8/II/1969.

Anunciação

Havia uma velha esperando o tempo
e a criança acreditando no amanhã.
Um pássaro espalhava penas pelo ar
pousado no galho sem folhas e longe de seu ninho.

Havia pólen e sêmen por todo canto
e uma rosa ao sol
gotejava orvalho, irrigando a terra.

Havia um olho descortinando o mundo
e água solta a inundar saudades.
A face voltada escondia a tristeza
enquanto a mulher se deitava na relva
à espera de tudo.

Havia o amplexo de renovação
numa procura desesperada:
a natureza abriu-se em todos os recônditos
na soberba anunciação de um novo amor.

Em 20/9/1973.

Uma lembrança

Olhos de madressilvas selvagens
em noites de desamor:
soluços em represa de lágrimas contidas.
Braços que se erguem na cruz do desalento

e a madrugada que não vem
e o orvalho que não cai.

Meu sorriso estendeu-se nos longes de nossos caminhos
e na porta houve um adeus alvoroçado
nas prematuras despedidas
deixando no ar um sabor de primícias de saudade
e uma promessa de retorno
que se sabe não será cumprida.

Quando soprar o amanhecer
a minha janela recolherá um canto de primavera
e permanecerá fechada para o mundo.

Tu, então, sorrirás, onde estiveres,
na meiguice de teus anos que jamais passarão.

Olharei teus pés pequeninos caminharem
pelas mesmas calçadas
e um vento conhecido beijará
a tua cabeleira loura
que eu não verei desbotar.

Ainda poderei murmurar como naqueles dias
os meus sonhos de amor
que suportaram todas as intempéries.

Rio, 8/8/1970.